

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 11

Atena
Editora

Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

**Educação: Políticas, Estrutura e
Organização
11**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 11 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 11)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-312-5

DOI 10.22533/at.ed.125190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 11” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007). O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular. A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA E OS SEUS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: RESSIGNIFICANDO O OLHAR SOBRE OS AMBIENTES ESCOLARES	
José Emanuel Barbosa Alves Rafael de Farias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1251903041	
CAPÍTULO 2	13
AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO POR MEIO DAS METODOLOGIAS ATIVAS	
Andreza Cavalcanti Vasconcelos Gabrielly Laís de Andrade Souza Flavia Gymena Andrade Sâmara Aline Brito Brainer Vanessa Juvino de Souza Claudia Germana de Alencar Castro	
DOI 10.22533/at.ed.1251903042	
CAPÍTULO 3	19
CONTRIBUIÇÕES INTERACIONISTAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Paulo Rosas dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1251903043	
CAPÍTULO 4	30
FERRAMENTA EDUCACIONAL VIRTUAL: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO BÁSICO E TECNOLÓGICO	
Pablo Castro A. Silva Marcos V. Montanari Virgínia de Souza Á. Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1251903044	
CAPÍTULO 5	36
GOOGLE FOR EDUCATION NA ESCOLA PARAIBANA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Josley Maycon de Sousa Nóbrega Nathalya Marillya de Andrade Silva Cristiana Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1251903045	
CAPÍTULO 6	48
O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO IFRN: INOVAÇÃO, DESAFIO OU UTOPIA?	
Eduardo Francisco Souza das Chagas Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares José Moisés Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1251903046	

CAPÍTULO 7	60
POLÍTICAS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	
João Carlos de Lima Neto Juliana Gomes da Silva de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.1251903047	
CAPÍTULO 8	68
POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO: CONCEITOS, DEFINIÇÕES, CICLO TÉCNICO E METODOLOGIA DE PESQUISA	
Vicente de Paulo Morais Junior	
DOI 10.22533/at.ed.1251903048	
CAPÍTULO 9	79
POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID ENQUANTO CAMPO DE REFLEXÃO E FORMAÇÃO CRÍTICA DO PROFESSOR	
Janice Pereira Lopes Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago	
DOI 10.22533/at.ed.1251903049	
CAPÍTULO 10	93
POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 4 E 5 ANOS: DEFINIÇÕES E PRIORIDADES DE INVESTIMENTO PARA ESTA MODALIDADE DE ENSINO	
Katia Tatiana Moraes de Oliveira Ana Lúcia de Melo Santos Edilene Maria da Silva Marilene da Silva Lima Nubênia de Lima Tresena	
DOI 10.22533/at.ed.12519030410	
CAPÍTULO 11	105
PORTFÓLIO DE APRENDIZAGEM EXPERENCIAL: UMA APLICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	
Mariane Bezerra Nóbrega Rodrigo Leite Farias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.12519030411	
CAPÍTULO 12	118
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Jayne Millena Ferreira Rodrigues do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.12519030412	
CAPÍTULO 13	128
POTÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A EXPERIÊNCIA INTERPROFISSIONAL	
Natália Milânio Soares de Faria Lúcia da Rocha Uchôa-Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.12519030413	

CAPÍTULO 14	141
POTENTIALIZATION OF LEARNING ABOUT OSMOSIS, USING LOW COST MATERIALS IN EXPERIMENTAL PRACTICES	
Fabiana América Silva Dantas de Souza Rayanne Maria de Lima Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030414	
CAPÍTULO 15	149
PRÁTICAS AVALIATIVAS DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS	
Rozineide Iraci Pereira da Silva Nair Alves dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12519030415	
CAPÍTULO 16	159
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ATENDIMENTO EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Juliana A. D. da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030416	
CAPÍTULO 17	168
PROCESSO FORMATIVO DO DOCENTE EM QUÍMICA: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA	
Christina Vargas Miranda e Carvalho Hélder Eterno da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030417	
CAPÍTULO 18	178
PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO O DESEMPENHO DOS TUTORES E CONTRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES: UM ESTUDO DE CASO DO CURSO EM MACAPÁ-AP	
Nilda Miranda da Silva Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno Andreia Dutra Fraguas Adávia Fernanda Correa Dias da Silva Simonne Lisboa Marques	
DOI 10.22533/at.ed.12519030418	
CAPÍTULO 19	190
PROJETO “A COR DA CULTURA”: O PROTAGONISMO NEGRO/A NO PROGRAMA “HERÓIS DE TODO MUNDO”	
Helena Maria Alves Moreira Mônica Regina Ferreira Lins Luciana Maria da Conceição Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030419	

CAPÍTULO 20	198
PROJETO INTERDISCIPLINAR: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENGENHARIA CIVIL	
Vitor Trein Lucca João da Jornada Fortes Filho Laura Perin Lucca Antônio Vanderlei Dos Santos Mauro Cesar Marchetti	
DOI 10.22533/at.ed.12519030420	
CAPÍTULO 21	207
PROJETO MARIA DA PENHA VAI À ESCOLA: DISCURSOS DE EQUIDADE DE GÊNERO NAS ESCOLAS DE CARUARU	
Karinny Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030421	
CAPÍTULO 22	216
PROJETO NAS ASAS DA LEITURA: AÇÕES E REAÇÕES NO INCENTIVO AO ATO DE LER	
Kátia Farias Antero Maria do Socorro Moura Montenegro Anderson Franklin do Rego Antero Thays Evelin da Silva Brito	
DOI 10.22533/at.ed.12519030422	
CAPÍTULO 23	227
PROJETO TRANSDISCIPLINAR: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS COM PROFISSIONAIS DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO	
Eleneide Menezes Alves Romildo de Albuquerque Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030423	
CAPÍTULO 24	236
PRONATEC: CONEXÕES DE UMA POLÍTICA PÚBLICA COMO PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM DE NÍVEL MÉDIO	
Maria José Fernandes Torres Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares Fábio Alexandre Araújo dos Santos Keila Cruz Moreira Carlos Eduardo Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.12519030424	
CAPÍTULO 25	252
PROTAGONISMO JUVENIL E EDUCAÇÃO INTEGRAL: O EDUCANDO COMO ATOR E AUTOR DO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Dayane Priscilla Bernardes Anjos Franciela Félix de Carvalho Monte	
DOI 10.22533/at.ed.12519030425	

CAPÍTULO 26	263
QUIZ EM METODOLOGIAS ATIVAS: SUPORTE NO ENSINO APRENDIZAGEM	
Inara Erice de Souza Alves Raulino Lopes José Vinícius Lopes da Silva Rodrigo e Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.12519030426	
CAPÍTULO 27	272
RECITAL MUSICOPEDAGÓGICO CDG: TEMPO DE HISTÓRIAS CONTADAS E CANTADAS	
Helena Müller de Souza Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.12519030427	
CAPÍTULO 28	288
REFLEXÕES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PRONATEC NO SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO	
Vanessa Alexandre de Souza Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.12519030428	
CAPÍTULO 29	301
RELAÇÕES DE PODER EM CONCEITOS E TEORIAS DIVERSAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Emillia C. Gonçalves dos Santos Luciano Godinho Almuinha Ramos Yasmin Saba de Almeida Márcia Cristina Alves Bezerra Rafael dos Santos Costa Aldenora Santana de Oliveira Caroline Brelaz Chaves Valois Boaz Ramos de Avellar Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.12519030429	
CAPÍTULO 30	318
PRESERVANDO E CONSERVANDO O MANGUEZAL NOS ARREDORES DA PRAÇA DO CAIARA NO BAIRRO DA IPUTINGA-RECIFE/PE A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM OS ESTUDANTES DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO XXIII	
Gladstone Barbosa Soares Maria do Carmo Lima Vilma Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12519030430	
CAPÍTULO 31	327
OS REFLEXOS DA SÍNDROME DE ADAPTAÇÃO GERAL SOBRE OS ALUNOS DO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR NOTURNO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS GÊNEROS	
Fernando Gregorio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12519030431	
SOBRE A ORGANIZADORA	339

CONTRIBUIÇÕES INTERACIONISTAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DE LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Paulo Rosas dos Santos
Universidad Americana – PY
psingrid@gmail.com

RESUMO: A ideia da aprendizagem da leitura e da escrita é uma perspectiva construtivista diferente da evidenciada como tradicional. O objetivo deste artigo é conhecer as contribuições da teoria interacionista no processo de alfabetização nas séries iniciais; A participação tanto na família da criança como do professor dimensionam ativamente esse processo, o qual reveste o alfabetizado de hábitos que aproxima da sua inserção no mundo. A leitura de mundo precede aprender a ler e escrever é uma das concepções de Freire, e, é chamado de ‘conhecimento prévio’, desenvolvido do contato com a realidade e do convívio com outras pessoas; Isso estabelece estruturas, que Wallon definiu como funções que capacita o sujeito de: afetividade e inteligência, que leva a adquirir novos modos de pensamentos e sentimentos, são estas que fornecem as condições e oportunidades para formação das estruturas cognitivas. A alfabetização é mais que uma simples técnica de ensinar a criança associar letras, palavras, destacando-se que pelo seu potencial de formação educativa; e que sofre interferências sociais, afetivas, econômicas, tecnologias, que

Vygotsky apontam como fundamentais para o desenvolvimento intelectual dessa criança. A metodologia da pesquisa é bibliográfica interpretando-a como a busca de significação do conteúdo teórico exposto pelos pesquisadores da área e da descoberta dos contextos social do sujeito a ser alfabetizado; e como marco teórico inspirou-se nos estudos de Vygotsky, Freire, Ferreiro, Wallon, entre outros. O desafio da escola como prática pedagógica no processo de alfabetização é contribuir na redefinição dos saberes e das práxis pedagógicas para construir novos cenários.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Aprendizagem; Linguagem; Desenvolvimento; processo.

INTRODUÇÃO

A conscientização do poder intelectual que a humanidade desenvolveu ao longo do tempo, sempre elaborou técnicas significativas que mudaram o estilo de como fazer, e estas facilitaram enormemente o conhecimento da sociedade. E, uma dessas técnicas significativas foi à comunicação por meio da fala e a escrita, estas, permitiram compartilhamento de símbolos que todos, quando alfabetizados conseguem interpretar, decodificar, e, expressar-se por meios desses códigos numa forma que também todos conseguem compreendê-lo.

A produção dos sons a “fala” resultando de símbolos escritos significam, a “leitura”. Entretanto, o aprimoramento e domínio desses signos linguísticos, torna-se o poder da comunicação, que ao longo do tempo registrou os fatos históricos, científicos, culturais das sociedades que hoje se fazem conhecidos. Pois, o ato de ler e escrever tornou-se indispensável para a humanidade, para vida em comunidade é imprescindível para o ser humano viver, o poder da fala, da leitura e da escrita.

A metodologia tradicional construída ao longo do tempo destinado a alfabetização de crianças, atualmente não oferecem mais aporte significativo para lhes promover desenvolvimento de escrita e leitura. A reprodução, imitação que ao longo dos anos foi estabelecido como base para desenvolver aprendizagem da leitura e escrita ficou irrelevante para fazer frente a uma sociedade moderna e tecnológica desse século. Em função disso, crianças não alfabetizadas, passam de uma série para outra com significativa carência “linguística”, e na série seguinte procedem da mesma forma, aumentando como se fosse uma “bola de neve”, e terminam por sair do ensino fundamental I, carentes, mergulhadas no abismo da alfabetização.

A conduta de alfabetização do passado, não oferece atualmente mais a especificidade e objetivada no aprendizado das crianças como foi institucionalizada. O que não é significativo continuar com um processo que evidencia problemas na assimilação da leitura e escrita principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental I. Quando são notórias as dificuldades que as crianças dessas séries encontram para desempenhar a leitura e a escrita, aumentando transtorno de repetências, principalmente na parcela escolar mais desfavorecida economicamente.

É indiscutível que educação do século XXI, promova desenvolvimento efetivo às crianças para que aprendam a ler e a escrever. As práticas pedagógicas com metodologias do passado levam a concepções limitadas, respostas incompletas. Como isso, surge como pergunta: como pedagogicamente a teoria vygotskyana contribui para o processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental I?

Mesmo desejando desenvolver boas práticas na alfabetização, em muitos casos o professor não consegue desempenhar adequadamente um processo que incorpore a linguagem à escrita. Dessa forma o objetivo desse artigo é Conhecer as contribuições da teoria interacionista no processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental I.

A efetivação deste trabalho se faz necessário mediante a perspectiva construtivista diferente da que temos evidenciado como tradicional que faz uso de metodologias analíticas e sintéticas que ao longo do tempo tem-se constituído como o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Portanto, o trabalho opta por analisar construtivamente proposta pedagógica para alfabetizar crianças, levando em consideração os critérios da teoria vygotskiana, tendo em vista que os métodos tradicionais de alfabetização que oferecem mais que reprodução de um conjunto de exercícios motores.

Com base na complexidade que é o processo de alfabetização, e na sua dimensão

é fundamental que tanto a família, a criança e o professor participem ativamente desse processo, o qual reveste a criança de hábitos que aproxima da sua inserção no mundo, que requer dinamismo dos seus habitantes.

A viabilidade do artigo é permitir que professores conheçam e dê novos significados às práticas pedagógicas na alfabetização. Que percebam o significado dessas práticas que facilitem a construção do aprendizado nas séries iniciais.

METODOLOGIA

O presente estudo está embasado numa pesquisa bibliográfica com enfoque no desenvolvimento da aquisição da linguagem e da escrita pela criança, assim como os fatores que influem e determinam o processo de alfabetização nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental I.

Para embasar o estudo buscou-se fundamento em alguns teóricos, como: Lev Vygotsky; Paulo Freire; Célestin Freinet; Jean Piaget; Henri Wallon; Emilia Ferreiro. E, outros, que também subsidiaram o entendimento do processo de aquisição da linguagem e da escrita pela criança. Desta forma, complementou a análise desse processo que é construído de forma social e afetiva ocorridos durante a infância.

CONCEPÇÃO DE LEITURA E ESCRITA

A aprendizagem esta tradicionalmente ligada aos tratos culturais, sociais na qual o sujeito está envolvido socialmente, os atributos linguísticos sejam como meio de permitir ao indivíduo a aquisição do conhecimento, ou para viabilizar sua atuação social. Porém o ato de ler se relaciona ao que está escrito, contudo para que isso seja formidável é preciso ser fundamentado no processo ensino aprendizagem de alfabetização principalmente nas séries iniciais.

CONCEPÇÃO DE LEITURA

A aprender a ler e escrever aparece vinculada a vida estudantil da criança. A satisfação pessoal é a fonte de comunicação que lhe servirá de grande estímulo e motivação para construção de modelos relacionados às formas de interação, formação de leitores competentes, com função de escritores.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) define leitura como:

É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. (PCNs, 1997, p. 53)

No que consiste o leitor praticar constantemente a leitura para desenvolver o aprendizado da interpretação desses signos linguísticos que possibilita ao homem encontrar significados nas palavras. Para interagir fluentemente com sua realidade. Isso, não é simplesmente decodificar os símbolos para descobrir a palavra, o som, mas organizar a ideia num todo cognitivamente como capacidade para interpretar, selecionar e entender o que está escrito.

Entretanto Freire (1982, p. 11) afirma que: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” tudo começa bem antes da criança chegar à escola, o seu contato com o mundo da leitura esta vinculado com a relação que mantem com a sua volta, o que comumente é conhecido como interação com o ambiente. O que significa que a interação da criança com o ambiente contribui bem para o desenvolvimento das suas capacidades interpretativa que o norteará na escolarização. Isso é bem notório quando postulado na teoria vygotskyana que o ambiente é a fonte que potencializa e capacita o individuo para o aprendizado.

Ainda conceituando leitura, Ferreiro (1987, p. 42) “a leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e ‘cuja aprendizagem’ suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. A autora trata como objeto de uma cultura, que compreende uma coletividade, que certamente compreende seus familiares, que se dispõe a ler ou contar histórias infantis para que a criança ouça. A autora em questão, ainda define que:

A escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la. As consequências pedagógicas mudam drasticamente e a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem, ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. (FERREIRO, 1995, p.10)

A escrita é um instrumento provido da leitura já que um processo no qual o leitor realiza mediante um trabalho ativo pelo significado do texto. Segundo Carlos, “a escrita seja qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. (CAGLIARI, 1993, p. 103)

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA

A construção da escrita caracteriza-se por ser um processo que ocorre nas interações sociais vivenciadas pela criança, isto é, na interação com os adultos, a qual não somente vai dando sentido à escrita da própria criança, como também contribui para que ela se torne “sujeito”. Dessa forma, a alfabetização como prática social precisa lidar com textos reais e com as reais necessidades de leitura e escrita, para que as crianças percebam a função social de tal aprendizado e assim estabeleçam um

diálogo com o mundo.

Nessa perspectiva, Soares (2001) afirma que:

A função da escola, na área de linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, explorando tanto a língua oral quanto a escrita como forma de interlocução, em que quem fala ou escreve é um sujeito que em determinado contexto social e histórico, em determinada situação pragmática, interage com um locutor, também um sujeito, e o faz levado por um objetivo, um desejo, uma necessidade de interação. (SOARES, 2001, p. 15).

O uso da escrita na escola torna-se um aprendizado a mais: ser capaz de assumir sua palavra na interação com interlocutores que reconhece e com quem deseja interagir para atingir objetivos e satisfazer desejos e necessidades de comunicação. Portanto, é fundamental que, no processo de alfabetização, as crianças saibam as funções sociais e as finalidades da leitura e da escrita; precisam saber para que se aprende a escrever e a ler. Só compreendendo e praticando esse exercício é que a alfabetização terá sentido.

Paulo Freire (1987) afirma:

E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1987, p. 08).

O desenvolvimento da aprendizagem da escrita deixa claro que não se processa espontaneamente em ambientes culturais. Há necessidade da intervenção intencional, sistematizada, do profissional alfabetizador num ambiente escolar.

ABORDAGEM SOBRE APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo contínuo construído na mente e nas ações do indivíduo, através do qual ele adquire informações, trata-se de um processo que se inicia com o nascimento e perdura até a morte de cada indivíduo. Como acontece a aprendizagem humana? Essa é uma resposta que os grandes pensadores, cito apenas alguns como: Vygotsky, Piaget, Ferreiro, Freinet, abordaram nos seus conceitos. A visão de homem como sujeito interativo do meio físico e social, condicionado a transformação biológica, e de suas condições afetivo-emocionais com capacidades intelectuais.

Piaget (1986), o desenvolvimento do indivíduo está subordinado a dois fatores – os de hereditariedade e adaptação biológicas (evolução do sistema nervoso e dos mecanismos psíquicos elementares) e os de transmissão ou de interação sociais (constituição dos comportamentos e da atividade mental). Com isso, se busca investigar e determinar o papel da interação social sobre o desenvolvimento da inteligência do indivíduo. E que as principais condições sociais do homem – os meios

técnicos de produção, a linguagem, os costumes, as regras – não são determinadas por mecanismos hereditários. Piaget (1996, p 15) considera que: “Essas formas de comportamento são adquiridas por transmissão exterior, de geração em geração, e só se desenvolvem em função de interações sociais múltiplas e diferenciadas”.

Segundo Emília Ferreiro, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma “lógica individual, na escola ou fora dela”. No processo de aprendizagem a criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico. O tempo para o aluno transpor cada uma das etapas é bem variado. Duas consequências importantes a ser respeitadas em sala de aula: o respeito à evolução de cada criança e compreender seu desempenho, o não significa que a mesma seja menos inteligente. Ainda afirma que: a “aprendizagem não é provocada pela escola, mas pela própria mente das crianças, elas chegam a seu primeiro dia de aula com conhecimento”. (FERREIRO, 1996, p. 53).

Algumas práticas levam a pensar que o que existe para conhecer já foi estabelecido, como um conjunto de coisas que não serão modificados. Algumas práticas fazem com que a criança, fique sem a prática do conhecimento, como receptor daquilo que o professor ensina. Segundo Emília Ferreiro, o que seria correto é interrogar, “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar” (FERREIRO e TEBEROSK, 1985, p. 30).

Na proposta pedagógica de Freinet, a interação professor-aluno é essencial para a aprendizagem. Estar em contato com a realidade em que vive o aluno é fundamental. As práticas atuais de jornal escolar; troca de correspondência; trabalhos em grupo; aula-passeio; são ideias defendidas e aplicadas por Freinet desde os anos 20 do século passado.

O aprender deveria passar pela experiência de vida e isso só é possível pela ação, através do trabalho. O trabalho desenvolve o pensamento, o pensamento lógico e inteligente que se faz a partir de preocupações materiais, sendo que esta é um degrau para abstração. (FREINET, 1986).

Suas propostas de ensino estão baseadas em investigações a respeito da maneira de pensar da criança e de como ela constrói seu conhecimento. Por meio da observação constante ele percebia onde e quando tinha que intervir e como despertar a vontade de aprender do aluno. De acordo com Freinet, a aprendizagem por meio da experiência seria mais eficaz, porque se o aluno fizer um experimento e der certo, ele o repetirá e avançará no procedimento; porém não avançará sozinho, precisará da cooperação do professor.

DIMENSÃO DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização, em um sentido pleno, se faz pela reconfiguração dos modos de interagir e de se colocar no mundo na medida em que situa o sujeito na corrente comunicativa do universo letrado. A esse respeito, explica Soares (1999), que explicita

ou implicitamente todo o projeto de alfabetização concebe e prioriza três dimensões: Alfabetização funcional – consiste na habilidade de ler e escrever para funcionalidade da vida;

Alfabetização cultural – a possui de conhecimentos relevantes para tornar-se um membro competente do grupo cultural;

Alfabetização crítica – faz uso consciente da palavra escrita e do conhecimento cultural para construir uma identidade ou “voz” própria com finalidade para analisar criticamente relações sociais opressivas e colocar-se nessa relação. (SOARES, 1999, p. 62)

Quando a alfabetização é compreendida como uma aprendizagem estritamente vinculada ao sistema da língua escrita, o ensino tem como meta a conquista de habilidades ou competências de leitura e escrita. Para aqueles que superam as dimensões restritas do codificar e decodificar, isso significa também investir nos modos como o sujeito se relaciona com seu mundo.

Como explica por Colello (1995) que a alfabetização é mais que uma simples técnica de ensinar a criança associar letras, palavras, ela destaca que pelo seu potencial de formação educativa:

- a) **falante** – quando o processo de construção de escrever não somente parte do oral como também redimensionando o que escreveu (o sujeito que escreveu, tende a organizar melhor o seu discurso);
- b) **poliglota** – aquele que ‘fala muitas línguas’, entendida como a capacidade de compreender, dominar e utilizar várias formas de linguagem, não necessariamente as línguas estrangeiras, mas, dialetos da sua mesma língua, como também outros meios de expressão ou representação simbólica (desenho, música, arte, etc.);
- c) **produção de texto** – o “autor”, ser capaz de escrever palavras e frases, ter a competência para compor textos, enfrentar os desafios da produção, mas, também se entrega a possibilidade de dar vida a seus pensamentos, ideias e fantasias;
- d) **intérprete** – lendo processo além da mera decodificação, é guiada pela busca de sentido e, assim, resgata a dimensão dialógica do texto;
- e) leitor – sujeito capaz de compreender e ‘dialogar com o texto’ é capaz de descobrir o valor e o prazer da leitura em suas diversas possibilidades e situações;
- f) **revisão de texto** – é o sujeito que compreende as regras e arbitrariedade da linguagem escrita (consciência metalinguística) e, especialmente, o seu valor na decodificação e leitura permanece como agente e principal interessado no processo de auto correção;
- h) **o pesquisador** – interessado na oportunidade da busca do conhecimento, baseado na curiosidade, interesse e necessidades, entretanto, não somente pelo interesse escolar;
- i) **ser-pensante** – integra o processo de construção da escrita ao conjunto de experiências que promovam a auto constituição, a organização do pensamento e a capacidade de interpretar e analisar ideias;
- j) **ser social** - na medida em que promove novos meios de integração social, mesmo que ser através da realização de atividades funcionais de rotina (assinar o nome, ler os rótulos dos produtos para anotar endereços e telefone), ou pela possibilidade de intercâmbio com o mundo por manifestações consciente e críticas. (COLELLO, 1995, p. 3).

A alfabetização, não é tão simples como se imagina, não como fixaram ao longo dos anos restringindo ao ‘ato de ler e escrever’, como sinalizado pela autora é destinado a muitos alvos e requer um longo período de aprendizagem o que fica longe de ser esgotado nos primeiros anos de escolaridade. A construção cognitiva sobre a linguagem é uma trajetória crescente, do ponto de vista educacional a alfabetização é parte do processo que justifica um cuidadoso investimento pedagógico e alinhado com o avanço cultural.

FATORES QUE INTERFERE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Num contexto cultural e social no qual a educação está inserida é possível que alguns fatores interfiram direto ou indireto na postura metodológica e pedagógica da alfabetização, contrário ao procedimento de se privilegiar um único aspecto do desenvolvimento da criança, Segundo Wallon os domínios:

Afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nos diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um e suas implicações com o todo representado pela personalidade. Desta opção, resultam quatro temas centrais na sua teoria: emoção, movimento, inteligência, personalidade. (WALLON, 1995, p. 33).

Para o autor, a Educação deve atender às necessidades imediatas de cada etapa do desenvolvimento infantil, assegurando a plena realização das disposições e aptidões atuais, ao mesmo tempo em que prepara a etapa seguinte, nutrindo na criança o desenvolvimento das atitudes e funções que estão por vir e que, de alguma forma, já se manifestam em sua atividade presente. Para Wallon (1971), a personalidade é constituída por funções a qual definiu como: afetividade e inteligência. Estas capacitam como o sujeito adquirem novos modos de pensamento e sentimento, são elas que fornecem as condições e oportunidades para formação das estruturas cognitivas. E, a integração dessas duas funções interfere diretamente na aprendizagem da criança. Segundo o autor em questão, definiu como:

Afetividade – está ligada às sensibilidades internas à construção da pessoa e o social;

Inteligência – está ligada às sensibilidades externas, à construção dos objetos e ao mundo físico.

O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio. (WALLON, 1971, p. 14)

ALGUNS DOS PRINCIPAIS FATORES QUE INTERFERE NA ALFABETIZAÇÃO

Afetividade – compreende os estados de ânimo ou humor, os sentimentos as emoções e as paixões, ou seja, a capacidade de experimentar sentimentos e emoções.

Ela determina a atitude da pessoa diante das experiências cotidianas, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível. Para Piaget (1998), é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto, não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação, afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência, porém, não é o suficiente. Para Wallon (1968) o desenvolvimento da inteligência está integrado com a afetividade que a criança recebe, e está depende essencialmente do meio físico e do meio social.

Sociais—o status socioeconômico, nível educacional, nível ocupacional, localização e condições habitacionais das famílias afetam diretamente no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Para Vygotsky desempenham um papel fundamental no desenvolvimento intelectual. A cultura estabelece um conhecimento que é internalizado e construído pelas crianças. Piaget reconheceu os fatores sociais no desenvolvimento intelectual que provoca desequilíbrio e construção desse conhecimento. Os problemas de dificuldades na aprendizagem estão intimamente ligados às variáveis de classe. Quanto mais baixa é a origem socioeconômica da criança, maior é o risco das dificuldades.

Tecnológicos – com o tempo, a superação do analfabetismo em massa e a crescente complexidade de nossas sociedades fazem surgir maiores e mais variadas práticas de uso da língua escrita. Seguindo esta lógica de desenvolvimento, o século XXI impôs a praticamente todos os povos a exigência da língua escrita não mais como meta de conhecimento desejável, mas como verdadeira condição para a sobrevivência e a conquista da cidadania.

Segundo Edgar Morin ao formular a teoria do pensamento complexo, diz-se que “a realidade é entendida e explicada em simultâneo de todas as perspectivas possíveis”; e se você se concentrar em uma estratégia deve estudar este complexo e global, como dividi-lo em partes menores para facilitar o seu estudo, o alcance do conhecimento é limitado.

CONCLUSÃO

O sucesso da alfabetização não consiste em simples atividades numa sala de aula, o processo de alfabetização é muito mais que o professor reunir metodologias isoladas para fazer com que crianças memorizem códigos para desenvolvimento da leitura e escrita. As contribuições interacionistas mais amplas possíveis e diversificadas, pois estão envolve todo um conjunto de informações, que vão desde seu ambiente físico, social entre outros. E, nisso que o educador precisa observar e se apoiar para ampliar significativamente as possibilidades de aprendizagem das crianças envolvidas no processo alfabetizador. O que significa não se pode ficar restrito as informações limitadas dos livros didáticos e prisioneiro da sala de aula. Nisso consiste do educador habilidades com as práxis pedagógicas para saber adaptar-se as potencialidades e

as capacidades da turma a ser alfabetizada para saber desenvolver aprendizagem significativa com esses educandos.

A leitura é uma prática social e fundamental vida em sociedade, sua familiarização acontece bem antes da escola é o que afirmam Piaget, Emília Ferreiro, e outros, consiste num hábito quando é oferecida para a criança num ambiente familiar;

O processo de alfabetização é uma aprendizagem que constrói o conhecimento da leitura e da escrita, nesse processo a criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico, e que são adquiridas com a interação como o mundo exterior, facilitados pelas diferentes interações do ambiente e do seu bem está afetivo; Para Freinet um diferencial significativo fundamental é a interação professor-aluno que é essencial para a aprendizagem, e isto ele está contato com a realidade em que o aluno vive.

As interferências cognitivas no processo são as mais diversas que vão desde seu contexto cultural e social no qual a educação está inserida e estas interferem direto ou indireto na postura cognitiva da criança, que privilegia o desenvolvimento aprendizagem da criança; definido por Piaget, Wallon e outros como impulsos motivadores que contribui para funcionamento da inteligência. O afeto é primordial para consolidação da aprendizagem da criança.

É preciso mudar o aprender, isso demanda tempo, porque requer interferências de muitos segmentos, estes na sua maioria extrapolam o ambiente escolar, como: social, econômico, tecnológico, político, que perversamente caminham alheios aos objetivos da educação. o desafio da escola com o processo de alfabetização está em contribuir na redefinição dos saberes, das práxis pedagógicas e dos valores sociais para participar da construção de novos cenários, num mundo global e intercultural.

REFERÊNCIAS

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização em Questão**. São Paulo: Graal, 1995.

EDUCAÇÃO, M. D. E. E. C.-S. D. **PCNs - Parametros Curriculares Nacionais**. Basilia: [s.n.], 1997.

ESCUADERO, A. C. et al. Psicologado. **Psicologado**, Outubro 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/psicologia-da-aprendizagem-metodo-deensino-emilia-ferreiro>>. Acesso em: 20 Junho 2016.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1987.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/psicologia-da-aprendizagem-metodo-deensino-emilia-ferreiro>>.

FERREIRO, E.; TEBEROSK, A. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.

FREINET, C. Wikipédia. **wikipedia.org**, 1986. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9lestin_Freinet>. Acesso em: 28 junho 2016.

FREIRE, P. **O sonho Possível**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, P. **a importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.

OLIVEIRA, M. K. D. **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: 1996.

SOARES, M. **Aprender a escrever, ensinar a escrever In**: ZACCUR, E. (org) A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&SEPE, 1999.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. **Editora do Brasil**, Belo Horizonte, n. 2, p. 13-60, 2001. CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: 1998.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difel, 1971.

WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. São Paulo: 1995. 1-39 p.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-312-5



9 788572 473125